

## LEITURA LITERÁRIA COM ALUNOS COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Marileide Rocha  
Universidade de Brasília/Instituto de Letras  
Pós-Graduação em Literatura  
Comunicação  
Cultura e Processos Educacionais

Em 2008 trabalhei com alunos com dificuldade de aprendizagem, numa escola pública. Eles estavam na 2ª fase do ensino Fundamental, sem saber ler ou na fase silábica. Para atendê-los nas dificuldades específicas e formar leitor, utilizei o texto: *A terra dos meninos pelados* de Graciliano Ramos. O enredo está centrado na personagem Raimundo, um menino diferente. Os alunos, também se sentiam diferentes, por não saberem ler. Conteí a dificuldade do autor para aprender a ler. Isso os aproximou do texto. Não foi um trabalho fácil, pois a obra é de arte, com linguagem conotativa, mas havia uma mediadora entre o aluno e o texto. Aos poucos os alunos entenderam a obra. Como é uma novela foi lida por capítulos. O resultado foi considerado positivo, pois o objetivo era formar leitor e ensinar a leitura de forma prazerosa. Isso foi conseguido efetivamente.

Palavras-chave: Leitura, Literatura, Leitor.

Como trabalhar a leitura com alunos da 2ª fase do ensino fundamental, que só reconhecem as vogais e consoantes isoladamente ou que afirmam categoricamente não gostar de ler? Foi com essas interrogações na cabeça que recebi um grupo de dezoito alunos, do 6º ao 9º ano, de uma escola pública municipal, no segundo semestre de 2008.

A princípio, deu para perceber que o grupo tinha dificuldades com aprendizagem da leitura. Com o transcorrer do tempo, ficou visível que muitos estudantes alcançam a 2ª fase do ensino fundamental, com imensas dificuldades de leitura, interpretação de textos, isso de forma recorrente. Constatei também que as professoras, nas aulas de Língua Portuguesa se encontram perdidas no questionamento do que é melhor: ensinar a gramática normativa ou ensinar a ler ou ensinar a escrever. Esse conflito, sem uma luz no túnel – porque nesse emaranhado de problemas o professor acaba por não priorizar nem um deles - talvez seja uma das causas para as dificuldades dos alunos na área da leitura, de textos de diferentes gêneros, em qualquer área do conhecimento.

Por isso, ser professora de apoio, aquele professor que dá aulas de reforço, no caso específico dessa escola a proposta era ensinar a leitura a partir da literatura, foi um desafio novo, visto que durante anos a fio fui professora regente e, como tal, observava dezenas de alunos, na 2ª fase do ensino fundamental, com dificuldades com relação ao aprendizado da leitura e, também não sabia como agir.

No contexto de uma sala de 35 a 40 alunos, esse problema se torna um pouco mais difícil de resolver, mas, como professora de apoio talvez fosse diferente, pois o número de alunos por atendimento era reduzido e eu ia entender e lidar com problemas quase que individualizados. Isso facilitaria o ensino da leitura a partir da literatura porque o trabalho não poderia ser apenas um ato mecânico, no qual o aluno aprende a decodificar os signos.

Para isso, me apoiei em Antunes (2004) quando ela diz que o trabalho com a leitura ainda está centrado em habilidades mecânicas, de decodificações da escrita, muitas vezes sem reflexão, sem diálogo com o texto. Quando a leitura é utilizada numa aula, serve de pretexto para atividades metalingüísticas ou finalidades meramente avaliativas.

Então, quando recebi os alunos tinha consciência que deveria cativá-los para a leitura e que o trabalho com a literatura não poderia servir de pretexto para se trabalhar a aquisição da escrita ou conteúdos pragmáticos. Só que para desenvolver a atividade a obra que seria lida não poderia ser qualquer uma. Por isso, propus ao grupo que lêssemos o texto de Graciliano Ramos: *A terra dos meninos pelados*.

A escolha da obra não foi aleatória porque como mestranda na UNB, fiz uma disciplina, na qual foi discutido o trabalho desse escritor. Assim, através de estudos e pesquisas descobri que Graciliano tinha tido imensas dificuldades na sua alfabetização, então pensei em aproximar o universo do escritor com o universo dos alunos.

Para o desenvolvimento do trabalho busquei em Kleiman (2004) o apoio necessário para embasar e refletir a minha prática quando ela diz que existem duas concepções de texto e de leitura que se perpetuam ainda hoje nas escolas: ou o texto é visto como repositório de mensagens e informações ou é visto como um conjunto de elementos gramaticais. Escolhi trabalhar com a primeira opção e foi com essa disposição que iniciei a conquista dos alunos para o mundo de Graciliano e para o mundo da leitura, ou melhor para a descoberta da leitura.

Ao iniciar o trabalho, procurei conhecer a vida de cada aluno e no final descobri que todos se sentiam a margem naquele micromundo – a escola – porque eles se sentiam diferentes, não conseguindo acompanhar de igual para igual os companheiros de turma. Usei esse fato para aproximá-los de Raimundo, a personagem da novela.

Minha primeira tarefa foi explicar que a obra se tratava de uma novela, como tal ela tinha vários núcleos, ou seja, várias histórias que poderiam ser lidas por capítulos. E foi aos poucos que trabalhamos todo o livro

Contei para o grupo a vida de Graciliano, sua dificuldade para aprender a ler e mostrei como no final ele venceu se tornando um dos melhores escritores do país. Quando percebi que os alunos já se sentiam a vontade com o escritor, solicitei que a cada leitura, os alunos fizessem uma comparação com eles mesmos ou com alguém que eles conheciam. Que procurassem ver nas aventuras de Raimundo alguma ligação com a realidade vivida por eles no cotidiano.

Não foi um trabalho fácil, visto que a grande maioria dos alunos tinha dificuldades para ler e muito mais para entender, pois o texto literário ou de arte tem uma linguagem específica, conotativa, por isso a dificuldade dos alunos para entenderem a linguagem. Tal fato reflete a falta de conhecimento da natureza do texto literário e evidencia ser necessário a mediação do professor entre a literatura e a leitura.

Como as aulas de leitura tinham um mediador, aos poucos, capítulo por capítulo lido foi possível perceber que estava sendo estabelecido uma interação entre o aluno e o texto; a cada leitura, o mediador lembrava aos alunos que o escritor estava utilizando na obra uma linguagem artisticamente trabalhada, muito específica, por isso, era necessário que durante a leitura eles perguntassem sobre o vocabulário.

Busquei apoio em Geraldi (2004) quando ele diz que a leitura é um processo de interlocução entre leitor e autor mediado pelo texto. O leitor, por isso, não é um ser passivo, mas sim um agente que busca significações no que é lido.

Esse procedimento foi desfazendo o distanciamento entre o texto e os alunos e eles passaram a se sentir a vontade para expor suas interpretações de forma livre.

Nesse aspecto, a mediadora percebeu que houve um estabelecimento de diálogo entre o leitor e o texto.

Com essa postura fortalecia-se a consciência de que a leitura deve ser trabalhada de acordo com o gênero textual a ser utilizado, tendo objetivos diferentes para cada tipo de texto. Nesse caso, o objetivo da professora mediadora era conseguir estabelecer a compreensão do texto lido e suscitar nos alunos os vários sentidos que o texto possui, além de buscar estabelecer o gosto pela leitura, formando leitores críticos.

Durante o desenvolvimento do trabalho comprovou-se que realmente o ensino da leitura através da literatura precisa ser livre de associações ideológicas ou históricas, pois esse ensino necessita ser desvinculado de pedagogias que ofereçam receitas a serem seguidas, pois a criança, devido não só a sua circunstância social, mas também por razões existenciais, se vê privada ainda de um meio para experimentação do mundo, ela necessitará de um suporte fora de si que lhe sirva como auxílio. É esse o lugar que a literatura infantil pode preencher de modo particular, porque, ao contrário da pedagogia ou dos ensinamentos escolares, ela lida com dois elementos adequados para a compreensão do real: uma história, que apresenta de maneira sistemática as relações presentes na realidade e a linguagem que funciona como mediador entre a criança e o mundo, de modo que propicie pela leitura um alargamento do domínio do conhecimento tanto didático como o de mundo.

Por essa razão, explicita-se a duplicidade própria da natureza da literatura infantil: de um lado percebida pela ótica do adulto, por isso sua participação no processo de dominação do jovem, assumindo um caráter pedagógico de outro se compromete com o interesse da criança e do adolescente transformando-se num meio de acesso ao real.

Vinculada ao descrédito, por um lado, e ao compromisso com o ensino e com o processo de dominação da infância, por outro, a literatura infantil, ainda assim tem o que oferecer à criança, desde que examinada em relação a sua construção propriamente literária. É quando se verificam os benefícios que a história e o discurso trazem para o leitor.

A literatura infantil desconhece um tema específico, não é determinada por uma forma e ainda escorrega livremente da realidade para o maravilhoso. Além disso, pode incorporar ao texto a ilustração e admite modalidades próprias como o conto de fadas, a história com animais, ou a personificação dos mais variados objetos.

Esse gênero Literário é permeável a tudo, daí a maleabilidade das balizas oferecidas aos textos ditos infantis como A terra dos meninos pelados. Esse fato fornece a esse texto uma grande margem de criatividade, que poderia ser capitalizada. Todavia, não é o que acontece, uma vez que, de modo geral, vários autores apenas se apropriam do ponto de vista técnico e temático dos resultados alcançados pela literatura para os adultos. Nessa medida, embora a literatura infantil tenha explorado algumas espécies basicamente suas, como a histórias de animais, como consta no texto de Graciliano ou então adotado outras de modo irremediável, como o conto de fadas, ela não apresenta uma trajetória que faça frente à literatura, propondo técnicas e recursos próprios de expressão, preferindo acompanhar de longe o progresso da arte poética.

Com base nos aspectos apontados, examinam-se os problemas relativos ao realismo e à verossimilhança. Porque o fato de oferecer um campo ilimitado de ação no âmbito narrativo parece privar a literatura infantil do realismo. Assim, o realismo pode ser contraposta à inevitável presença da fantasia, incorporada às histórias para a infância desde suas origens e estabelecendo uma parceria entre a literatura infantil e o maravilhoso.

Por isso, Kleiman (2004) diz que o ensino da leitura pode ser viável se não privilegiar uma única leitura autorizada, estava ancorada aí nossas ações. Ou seja, desenvolvemos uma proposta coerente, com esse ensino partindo de um modelo de leitor proficiente, o professor, tendo nesse professor o suporte que modelaria e exercitaria no aluno diferentes estratégias de leitura.

A escritora diz ainda que é preciso que se tenha um objetivo para a aula de leitura e em segundo lugar que o professor faça previsões quanto ao conteúdo do texto a ser lido. Essas previsões devem ser buscadas em conhecimentos prévios sobre o assunto, o autor, a época, o gênero e o desenvolvimento do tema. O importante é que o aluno perceba que para cada tipo de texto, ele precisa utilizar estratégias diferentes para a leitura e compreensão.

No final do semestre foi considerado alguns pontos para análise e reflexão com relação ao sucesso e aos insucessos do trabalho tais como:

1 – Alguns professores notaram a mudança de postura, com relação a interpretação e a melhoria na aquisição de conhecimentos formais nos alunos do 9º ano (cinco alunos). Desses cinco alunos, mesmo com todo interesse pelas aulas de leitura, um desistiu da escola e um outro não conseguiu acompanhar o restante da turma. No final do ano, ele foi aprovado pelo conselho de classe.

2 - Outro fator digno de relato era o prazer e a expectativa desse grupo com relação ao dia da aula de leitura. Durante o trabalho eles participavam intensamente da aula e das discussões sobre a história lida.

3 – Em dez alunos, de diferentes turmas, foi observado, além do prazer pelas aulas de leitura, houve melhoria na autoestima, na fluência da leitura e na interpretação de textos.

4- Dois alunos não conseguiram avançar na fluência da leitura, mas conseguiram melhoria na interpretação de textos.

5 – O aluno que chegou semialfabetizado saiu lendo com certa fluência.

Depois da leitura dessa obra iniciou-se com o grupo a leitura de outro gênero literário, pois compartilhamos da reflexão de Geraldí (2004) quando ele diz que o ponto primordial para o sucesso do ensino da leitura seria recuperar e trazer para dentro da escola o prazer de ler e o respeito às leituras anteriores do aluno.

Nesse aspecto, tendo o professor consciência que não há leitura qualitativa no leitor de um livro, o que significa que nós professores devemos propiciar aos alunos um maior número de leituras, ainda que a interlocução que o aluno faça no presente não seja a esperada por nós docentes.

## Referências

- ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: Encontro e Interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- GERALDI, Wanderley João (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo. Ática, 2004.
- KLEIMAN, Ângela B. *leitura: Ensino e Pesquisa*. São Paulo: Pontes, 2004.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. São Paulo: Global, 2003.